

APRESENTAÇÃO

A imagem de um torna-se pista. Ao acordar há apenas ecos. O dia nasce, mas não para nós...

Este pequeno livro de encontros documenta o diário da perda. Na delicadeza de seus fragmentos concebe luto e paixão caminhando na mesma calçada. O inventário da falta leva ao encontro da imagem do amado em ruas, canções, praias, cafés, florestas, mares e poemas, onde uma cidade e um leitor são testemunhas.

Afinal, o que circunstancialmente acreditamos ser apenas imagem, em grego há no mínimo três denominações que a vinculam a um território causal: a imagem dos sonhos, a imagem dos deuses e finalmente a imagem dos mortos. Falamos imagem, quando no entanto estaríamos nos remetendo a devoção, ao delírio ou a saudade.

“É dizer todos os dias ‘ele não está aqui’ e também ‘ele está dentro de mim’.” (Nasio, p.128) Imagem não é apenas algo que pode ser tocado pois pode se formar através de pistas, aromas e ruídos. A imagem dos mortos é a possibilidade do surgimento da presença de uma ausência, uma imagem que assim como a dos deuses e a dos sonhos, prescindiria o palpável.

O luto seria a materialização da preocupação do sujeito angustiado. A imagem do amado desaparece como referente embora surja cada vez mais forte como signo, assombrando e sussurrando nos cantos a sua potência.

Nas palavras de Roland Barthes em seu diário, não se deveria suprimir o luto “mas mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo passar de um estado estático (...) a um estado fluido” (Barthes, p. 152), onde haveria a fisiologia da densidade ao invés da anatomia do peso.

“É o ritual que ajuda. O ritual não passa de uma maneira de garantir que ele está dentro de mim e que não está aqui.” (Nasio, p. 128). O que estes fragmentos poéticos nos dizem é sobre a força derradeira da imagem do que fazíamos juntos, do que prometemos juntos, do pacto selado pelo cotidiano.

Quando a lua abre seus olhos o rosto amado retorna vividamente e habita ora silenciosa ora aos estardalhaços as avenidas e ruelas de um país vizinho. Cabe agora escutar suas melodias e lembrar suas risadas que aparecem vividamente e tendem a esmaecer em solavancos, podendo entretanto nunca desaparecer.

Claudia Paim aninha-se em uma praia onde um navio jaz ancorado pela areia, o vento desancorado rasga o céu sem esporas. Renascida das águas deste marisma, sem ossos que sustentem, sem pele que ampare, condenada à carne que se entrega a sentir a pele do mundo!

Ela escreve dos contornos do continente e das margens de mais uma noite...

Sabendo que perder-se é mergulhar para encontrar a imagem, lá onde ela não está, nesta falta que de tão densa, abraça e mostra que o abismo também é um abrigo.

Marlen De Martino

NASIO, J.D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARTHES, Roland. **Diário de luto**. Lisboa: Edições 70, 2009.